

V COMcult

o que custa o virtual?

NAS TRAMAS DA REDE *BIOS* MIDIÁTICA

Laura Fernanda Cimino¹

Resumo

O objetivo deste artigo é o de analisar teoricamente os novos agenciamentos semióticos potencializados pela comunicação *bios* midiática (metáfora conceitual empregada por Muniz Sodré) que promovem novas formas de sociabilidade em tempo real no ciberespaço. O *bios* virtual surge como uma espécie de nó que incide, simultaneamente, sobre a materialidade dos objetos e das ações humanas, promovendo através destas mediatizações um processo dinâmico de reinvenção do mundo por meio de novas ideias que irão rever certos hábitos e instruir novos comportamentos, talvez, mais colaborativos e criativos. Assim, a rede *bios* midiática surge tanto como paradigma quanto protagonista de ações que procuram enredar a subjetividade humana à fenomenologia dos objetos, compreendidos enquanto instâncias imanentes e complexas que constroem campos de forças díspares cujo resultado é a visível convergência entre a natureza e a cultura.

Palavras-chave: Ciberespaço. Comunicação. Sociabilidades. Biosmidiático. Interações

Introdução

Um dia os teóricos e historiadores da comunicação vão se dar conta de que pensar em rede, não é apenas pensar na rede que ainda remete a idéia de social ou à idéia de sistema, mas, sobretudo, pensar a comunicação como lugar da inovação e do acontecimento, daquilo que escapa ao pensamento da representação. Neste dia, a comunicação terá se tornado para além de suas tecnologias, fundamento (PARENTE, 2004, p 92).

Pensar a comunicação como acontecimento, como nos sugere, André Parente, na epígrafe deste artigo, é considerá-la como parte de um processo contingente. Ou seja, é compreendê-la como uma ciência em ação (Latour) ou uma ciência do devir (Morin) que manifesta sua singularidade conforme os distintos níveis de interação agenciados por ela. A

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP (2010). Concluiu Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, em estudos flusserianos. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa ESPACC (Espaço, Visualidade, Comunicação e Cultura) da PUC/SP. Docente no curso de Publicidade e Propaganda da UNIFEV. E-mail: fernandacimino2009@gmail.

V COMcult

o que custa o virtual?

comunicação, nesse sentido, passa a ser interpretada como “ação-meio” e não necessariamente, como um meio de instrumentalização para se atingir determinado fim social.

O *bios* midiático², nesta medida, transforma-se numa espécie de nó mediativo (rede) que incide, simultaneamente, sobre a materialidade dos objetos e ações humanas. Tanto num caso quanto no outro, o resultado de tais mediatizações³ é parte de um processo dinâmico de (re) invenção do mundo. A comunicação *bios* midiática orientada para os processos de tradução entre as culturas e os ambientes transforma-se num dos principais modos de “nos unir, sem nos confundir”⁴.

Assim, as tecnologias do virtual tornam-se fundamentais em todos os aspectos da vida social, principalmente, os relativos à dimensão banal da vida cotidiana e que são, costumeiramente, marginalizados pela geografia humana. Ou seja, o homem contemporâneo engendra uma subjetividade maquínica na medida em que estabelece suas interações numa escala que vai do lugar (local) ao território (Estado-nação) e deste ao mundo (global). Sendo assim, a singularidade contemporânea emerge da tessitura dessas três dimensões que constroem o espaço-mundo impulsionado pela globalização.

As redes são o veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território ao lugar; e de outra, conforma o lugar ao território tomado como um todo (SANTOS, 2002, p.270).

Nesta perspectiva, as redes se transformam, ao mesmo tempo, numa espécie de paradigma e de protagonista das atuais mudanças no momento em que as tecnologias da comunicação e da informação passam a exercer um papel estruturante nesta nova ordem mundial. Daí que tudo passa a ser definido em termos de rede (mercado, trabalho, arte, capital, etc). Neste sentido, a noção de rede parece estar intimamente ligada aos novos agenciamentos

² Bios midiático ou bios virtual é uma metáfora conceitual empregada por Muniz Sodré em “Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede” (2002) para designar um novo ordenamento psicossocial que ocorre a partir dos processos de mediatização promovidos pelo ciberespaço e pela cibercultura.

³ Processos semióticos de hibridização entre códigos, linguagens e repertórios que promovem novas ordens vinculativas e interativas entre os homens e as novas tecnologias da representação.

⁴ Para G. Berger o mundo ganha sentido por ser um objeto em comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação. É desse modo que, o mundo constitui “o meio de nos unir, sem nos confundir” (Cf. Santos, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002. P. 317).

V COMcult

o que custa o virtual?

semióticos patrocinados pela comunicação *bios* midiática na invenção de tantos outros mundos possíveis.

Diante desse novo *ethos* não se busca mais um único lugar ou uma posição topológica fixa capaz de oferecer identidade ao ser perante o outro, conforme postulava o estruturalismo. Contemporaneamente, nem o sujeito e nem a contigüidade dos eventos são colocados como vetores de articulação e ordenamento progressivo para o equilíbrio social. A própria possibilidade de pensar na relação entre o indivíduo e a sociedade foi produzida por condições históricas específicas⁵.

Portanto, o surgimento de um *self*, de um tipo de “autoconsciência” e da intuição de que nós temos uma unidade interior irreduzível à rede social, são produtos históricos, dado sob certas condições e não outras. O individualismo moderno, amálgama de todos estes eventos surgiu a partir de condições bem definidas, sendo um fato natural da antropologia humana. O *self* constitui deste modo, a expressão de uma singular conformação histórica do indivíduo pela rede de relações.

Entretanto, afirma Paulo Vaz que, atualmente, “devemos tomar consciência do sentido negativo de uma consciência de si, de que ela é má consciência, culpa: ao invés de um olho indefinidamente recuado em relação ao olhar, temos a regressão do olho revirado em êxtase, despreocupado e desejoso de todo mundo” (Vaz, 2004, p. 200). Seria tal afirmação outro modo de enunciar que, hoje, nós somos à medida de nossas conexões?⁶

Em nossa vida cotidiana mudamos de papel e de aparência ao longo do tempo, o que abriu a indagação sobre a relação entre o mesmo e o outro, aparência e essência, usualmente resolvida na forma de busca da unidade para além das transformações, seja unidade previa ou por vir. As redes trariam, por sua vez, a possibilidade inédita de sermos vários ao mesmo tempo, cada um de nós sendo não apenas multitarefa, mas também dispendo de múltiplas personalidades coexistindo em si, aprendendo mais do que a transitar, a conviver com muitos eus em si (VAZ, 2004, p.204).

⁵ Esta é uma característica da racionalidade social moderna que gera nos indivíduos a sensação de termos uma unidade interior apartada da sociedade e de que somos seres isolados e independentes.

⁶ Expressão utilizada por Derrick de Kerckhove em “A pele da cultura” para designar uma nova forma de fruição ontológica e social que ocorre de modo fluido e em rede.



Do rizoma às redes

O interesse pela representação em rede surge nos campos da filosofia e das ciências humanas, na França, nos anos de 1960. São trabalhos que procuram as noções de rede e o estruturalismo. Tal noção estava intimamente ligada ao conceito de uma estrutura ou um sistema geral fechado concebido como um conjunto de relações estabelecidas entre os elementos na formação do todo. Entretanto, como explica Edgar Morin:

Esta noção só se torna revolucionária quando ao invés de completar a definição das coisas, dos corpos e dos objetos, substitui a de coisa ou objeto que eram constituídos de formas e substâncias decomponíveis em elementos primários, isoláveis nitidamente num espaço neutro, submetidos apenas às leis externas da natureza (MORIN, 1999, p.258).

Para Morin é neste momento que o conceito de sistema se separa da tradicional ontologia do objeto, pois, “para a ciência clássica o objeto é um corte, uma aparência, uma construção simplificada e unidimensional que, subtrai e mutila a realidade complexa que se enraíza na organização física e na organização psicocultural” (idem). Completando tal afirmação, André Parente (2004) esclarece que todo pensamento reticular estendia uma face para as matrizes (estruturas) que se impunham como uma forma a priori e outra para certo empirismo radical. Entretanto, para que entendamos a diferença dessa abordagem para outra denominada de pós-estruturalista⁷ devemos, inicialmente, buscar uma definição para o termo rede.

Primeiramente, a rede pode ser identificada como um objeto topológico, entretanto, ela não pode ser confundida com o mapa, pois, diferentemente deste, a abstração das redes só considera a velocidade dos trajetos e não os detalhes pormenorizados daquilo que se deve percorrer. Desse modo, a rede somente distribui os caminhos como se estivéssemos desde sempre em movimento. Como imagem, a rede é um amontoado de pontos interligados a tantos outros, num emaranhado de flechas que se tocam. Já com relação ao seu desenho no ciberespaço, a rede é constituída por nós e por ligações dois a dois diretas ou indiretas, ou seja, que dependem ou não de outros nós. Ao mesmo tempo, a rede é uma lógica de conexões e não

⁷ Como corrente filosófica, embora não constituindo propriamente uma escola, o pós-estruturalismo caracteriza-se pela recusa em atribuir ao *cogito cartesiano* ao sujeito ou ao homem, qualquer privilégio *gnoseológico* ou *axiológico* privilegiando, em vez disso, uma análise das formas simbólicas, da linguagem, mais como constituintes da subjetividade do que como constituídas por esta. Entre os seus principais divulgadores estão: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean François Lyotard, Jean Baudrillard, Gilles Deleuze, Félix Guattari, etc.

V COMcult

o que custa o virtual?

de superfícies definidas por seus agenciamentos internos e não por seus limites externos. Ela é caracterizada, sobretudo, por seus pontos de bifurcação ou convergência.

Se a ligação entre quaisquer nós for à velocidade da luz, em nossa rede planetária, teremos uma simultaneidade que só pode ser perturbada pelo congestionamento. Cada nó está simultaneamente conectado a qualquer outro, ou ainda, a Terra torna-se simultânea e cada nó ubíquo, à dimensão do planeta. Há ainda uma estranheza nesta forma espacial. De cada nó só se vislumbra outros nós, somente se percebe margens e, por isso mesmo, uma rede não tem início, fim ou centro, não tem exterior para quem está nela. A rede é a nossa forma de infinito, só que não enquanto extensão desmedida que explode o lugar, mas como possibilidade de conexões e caminhos. A ausência de limites remete não somente a ausência de centro, mas também à simultaneidade e a multiplicidade de conexões (VAZ, 2004, p.201).

Portanto, entre as figuras topológicas, a rede se destaca por ser vazada, formadas por linhas e não por formas espaciais. O primado da linha sobre a forma, bem como sua definição por uma lógica de conexões evoca o conceito de rizoma proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e aparece como condição indeterminada para a existência dos objetos que se metamorfoseiam indefinidamente. Contemporaneamente, a rede seria uma versão empírica e atualizada do rizoma concebido, sobretudo, como um tipo de sistema aberto e acentrado, diferentemente, daquele proposto pelo estruturalismo. Neste sentido, poderíamos dizer que o rizoma estabelece um novo domínio espaço-temporal que se afasta de toda causalidade linear e determinista para aderir a uma temporalidade contínua.

O rizoma é do ponto de vista das formas, um outro domínio; mas é preciso notar que esse outro domínio é também o meio do qual elas emergem e que subsiste em seu entorno, fazendo com que, entre as formas, as relações sejam mais do que um jogo obscuro de transportes e influências. Toda transformação que atinge o domínio das formas passa sempre por este outro domínio rizomático, capilar, que corresponde ao domínio da inventividade (KASTRUP, 2004, p.83).

O conceito de rizoma refere-se à noção fractal, ou seja, àquela dimensão intermediária que ultrapassa as tradicionais dicotomias entre o sensível e o inteligível, sujeito e objeto, visível e invisível. Ao mesmo tempo, Deleuze criou o rizoma a partir do conceito de livro proposto por Roland Barthes na obra S/Z (1970). Nesta obra, o autor defende que a forma do livro gera uma espécie de rede acentrada onde é possível conectar vários textos sem haver, contudo, uma hierarquia entre eles. Tal descrição barthesiana é a mesma encontrada hoje no hipertexto. Nessa

V COMcult

o que custa o virtual?

perspectiva, ele nada mais é do que uma rede sem unidade central onde se avolumam uma infinidade de nós sem que nenhum se imponha aos demais. “O hipertexto é uma espécie de galáxia mutante, com diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal: os códigos que mobiliza se estendem e são intermináveis” (PARENTE, 2004, p. 106).

Por outro lado, é fundamental o entendimento de que a rede opera três transformações decisivas no domínio informacional. Em primeiro lugar, desconecta-se a informação do seu suporte físico transformando-o em *bits*⁸. Assim, o que diferencia um livro de uma pintura, por exemplo, é exatamente a quantidade de bits utilizados para duplicar os objetos, mostrando além de suas qualidades visíveis o seu conteúdo informativo. Em segundo lugar, criam-se máquinas universais para o tratamento da informação em geral, pois, tudo o que existe pode ser passível de se transformar em zeros e uns. Em terceiro lugar, adentramos ao terreno da experiência conectiva que tece um emaranhado de relações interativas a partir da multiplicidade dos dados numéricos.

Cada nó contém virtualmente a rede inteira e a informação – os objetos do mundo – esta em qualquer nó e em nenhum ao mesmo tempo: um museu ou uma biblioteca virtual estão disponíveis em qualquer nó e, de certo modo, não há motivo para considerar diferentes os diversos museus e bibliotecas virtuais. Todos pertencerão a cada nó; basta agrupá-los numa pasta de favoritos (VAZ, 2004, p.202).

As redes de transformação e mestiçagem

Como o rizoma, a rede de Bruno Latour é, ao mesmo tempo, uma forma de pensar o surgimento dos híbridos e a sua ontologia. Os elementos que o híbrido põem em conexão são heterogêneos (objetos, sociedade, tecnologia, linguagem). Tal conexão não é centrada, hierárquica ou garantida por qualquer determinismo, mas é capaz por si só de engendrar formas inéditas ou inesperadas que rompem com certos hábitos de conduta, responsáveis por nosso automatismo perceptivo.

Para Latour é a existência concreta dos híbridos que evidencia a contradição do projeto da modernidade. O autor parte da constatação empírica destes seres híbridos para problematizar todo discurso moderno fundamentado num paradigma temporal que se define pela

⁸ Bit (simplificação para dígito binário) é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida.

V o que custa o virtual?

reversibilidade dos eventos históricos. De acordo com ele, o paradoxo da modernidade não diz respeito a uma contradição lógica, ao contrário, ele se localiza no real, já que toda realidade é paradoxal, complexa e portadora de diferenças internas. É a atualidade naquilo que porta a novidade que reduz a distância entre os pólos separados pela modernidade.

Os híbridos são corpos que reduzem o abismo entre distintas dimensões ontológicas por meio do continuum. Para ele, as redes são figuras responsáveis pela mediação entre os corpos naturais, sociais e tecnológicos. Portanto, rede é compreendida como meio na concepção de Latour que tem como parâmetro tanto a tensão⁹ quanto a intensidade dos fluxos informacionais que a mantém coesa.

Por outro lado, ele dirá que a ciência e a tecnologia formam uma gigantesca rede heterogênea que mobiliza objetos e ações humanas construindo, desse modo, um campo de forças díspares cujo resultado é uma visível convergência entre natureza e a sociedade. A tecnociência emerge de uma rede que contribui ainda para atá-la e curvá-la de outra maneira. Isso significa que antes de qualquer especificidade do conhecimento científico e da eficácia da técnica há, primeiramente, uma maneira de dobrar¹⁰ a verdade das coisas em si e o conflito hermenêutico da subjetividade. Portanto, é impossível, nessa concepção, compreender a rede sem conhecer suas condições materiais, institucionais e humanas que são os vários atores que mediatizam os fluxos de informação e, sobretudo, de transformação.

Se quisermos compreender como certas visões de mundo se impõem e se tornam dominantes, como nos apegamos às coisas, aos procedimentos, a certos comportamentos, devemos analisar o processo de transformação do mundo em informações nas redes, sejam elas quais forem. A verdade sobre Deus, a verdade sobre a natureza e certa na arte não existem fora das redes em que circulam como se fossem fenômenos que falariam por si sós (PARENTE, 2004, p.105).

⁹ Não se pode deixar de lado o estudo das tensões que percorrem todo ciberespaço. Os discursos tentadores de que a facilidade pela internet promoverá por si só, mais bem estar, mais amizade, crescimento intelectual e nos conduzirá finalmente a um regime mais democrático escondendo deliberadamente toda discórdia e mesmo hostilidade para baixo do tapete. Os slogans cativantes de construção de um mundo mais humano ignoram que o conflito é parte do humano e que a comunicação não é sinônimo de transmissão inquestionável e consensual (Primo, 2008, p.198).

¹⁰ Apesar de todas as analogias possíveis, a dobra que singulariza a ciência não é idêntica àquelas que fazem sobreviver à justiça, a beleza ou a santidade (Cf Lévy. Plissê Fractal ou Como as máquinas de Guattari podem nos ajudar a pensar o transcendental hoje).

V COMcult

o que custa o virtual?

É neste sentido, que dissemos no início desse artigo que as redes surgem tanto como paradigma quanto protagonista de uma multiplicidade de papéis. Ou seja, a rede confecciona os modos de distribuição dos objetos e ações humanas, enredando-os à complexidade do mundo da vida. É dessa forma que a rede impõe a transformação do paradigma científico na forma de uma ciência em ação. Daí ser tal conceito um novo método de questionamento das tradicionais dicotomias impostas pela ciência moderna entre teoria e prática, as disciplinas e a circularidade do pensamento, a experimentação e os dogmatismos.

Para Latour, a singularidade das ciências diz respeito ao seu poder de produzir assimetrias e de produzir nós numa rede de atores ou ainda em alguns pontos de passagem obrigatória. Sua singularidade faz valer o caráter coletivo, político da prática científica porque para produzir tal assimetria é indispensável buscar colaboradores formando, desse modo, outras redes de cooperação.

Não obstante, devemos ainda nos certificar de que a noção de redes de atores não deve ser redutível a uma personagem solitário e nem mesmo deve se limitar a um só nó. Trata-se, contrariamente de elementos heterogêneos animados e inanimados que, estão, irremediavelmente, conectados. Tal rede deve ainda ser diferenciada daquela categoria dos “atores sociais” que faz parte do pensamento clássico das ciências sociais. Aqui não se exclui nenhum componente não humano. Por outro lado, a rede não se confunde com os vínculos previsíveis e estáveis, já que as identidades são voláteis e se definem perante a mutabilidade das trocas e deslocamentos que, por sua vez, introduzem um novo princípio de coexistência.

Neste sentido, uma rede de atores caracteriza-se, sobretudo, pela disponibilidade de alianças que é capaz de criar com o outro e que, conseqüentemente, transforma a sua própria ontologia. É neste aspecto que, Michel Serres vai analisá-las. Para ele, a rede é mais do que uma figura topológica, ela é, sobretudo, ontológica. Na perspectiva do filósofo, uma rede é formada num dado instante por uma pluralidade de pontos ligados entre si e que apontam para a possibilidade de inúmeras conexões. Por definição, nenhum ponto é privilegiado em relação ao outro, o que ajuda a promover múltiplas entradas. Ao mesmo tempo, ser desigual constitui uma das particularidades do modelo reticular. Com estes argumentos mostra que as oposições binárias são efeitos de uma rede irregular.

V COMcult

o que custa o virtual?

O modelo tabular da rede toma a pluralidade, como substantivo e não como atributo. Portanto, não se trata de acrescentar um valor de variação e de desvio a um campo já marcado por tantos desvios, a um tecido complexo de seqüências dialéticas múltiplas: este tecido é apenas um caso em particular, ele defende. A rede, contrariamente, diz respeito a um campo heterogêneo de tensões que não resultam necessariamente numa síntese como propunha o estruturalismo moderno. Tal postura teórica parece redutora na opinião de Serres, pois, tendem a minimizar as tensões que lhes são imanentes, direcionando-as para um único fim.

O ciberespaço como dobra meta evolutiva dos processos de sociabilidade

Se partirmos da consideração de que a sociedade humana faz parte da própria biosfera, então podemos arriscar a hipótese de que hoje vivemos uma inusitada situação planetária fruto da aceleração evolutiva condicionada pelos novos agenciamentos patrocinados pela tecnocultura (Sodré), o meio técnico científico informacional (Santos) e a tecnoosfera (Lévy) que desenham junto ao espaço-mundo uma nova espécie “humana, demasiadamente humana”.

Neste sentido, Pierre Lévy considera que a raça humana está se tornando um super organismo a construir sua unidade através dos meios tecnointerativos (telepresença, rede telemática, etc). Para ele, o ciberespaço se torna um dos principais agentes de expansão da biosfera na forma de um grande sistema nervoso planetário que se manifesta através de uma inteligência coletiva em constante evolução.

Nós estamos atualmente, a testemunhar uma evolução orgânica, sensitiva e lingüística como um só movimento. Se entendermos a profunda unidade e interdependência da evolução cultural com a biologia, podemos descobrir que o ciberespaço está no ápice desta evolução qualificada (LÉVY, 2000, p.50).

Neste sentido, ele defende que o ciberespaço é o passo mais recente da evolução biológica e cultural em direção à descoberta de novas formas de organização social, humana e cultural numa escala de inter-relações que marcam uma ordem mais complexa e criativa.

No meu entender, a vida é um processo evolutivo. Mais precisamente entendo a vida como um processo de criação, reprodução, seleção de formas. Quando há reprodução criativa, há vida. Aqui devo enfatizar a palavra “formas”. Claro a vida é uma reprodução de formas orgânicas. Mas existem outras espécies de formas, que também podem se

V COMcult

o que custa o virtual?

reproduzir: formas de percepção, emoção, experiência, formas de ação e até mesmo, formas linguísticas, tecnológicas e sociais (LÉVY, 2000, p.60)

Para o filósofo a biosfera não termina no nível orgânico. Ao contrário, Lévy na hipótese de que há reprodução de formas em níveis posteriores, ou seja, que a vida é uma espécie de continuum de ações e reações que se dirigem aos outros níveis mais elevados da experiência perceptiva, cultural e da própria consciência humana. Estamos imersos deste modo, num processo meta evolutivo, do qual a vida se estende em múltiplas direções que podem ser atualizadas constantemente, conforme os agenciamentos resultantes entre natureza, os meios técnicos e a sociedade.

Em outros termos, a vida segue em direção à virtualização, à digitalização e a inteligência coletiva que pode ser potencializada pela comunicação *bios* midiática. Não obstante, ele adverte que tal situação não significa de modo algum, que exista um Deus todo-poderoso planejando tal evolução e que tudo já tenha sido escrito em Sua mente.

Apenas observo que existe um movimento em direção à complexidade. Naturalmente esta direção não diz respeito apenas a certos ramos da evolução (das bactérias ou dos vermes) este progresso é resultado de um conhecido e bem sucedido processo darwiniano: auto-reprodução, mutação e seleção. De fato, o progresso se caracteriza precisamente pela emergência de novos mecanismos reprodutivos. Novas mídias poder-se-ia dizer (LÉVY, 2000, p. 60).

Ele lembra ainda que, entre a grande diversidade dos organismos criados pela primeira camada evolutiva, alguns desenvolveram um sistema nervoso. Ao mesmo tempo, o sistema nervoso é à base do segundo grande código digital. Ou seja, um sistema de impulsos elétricos e de mensageiros moleculares que permite a comunicação entre os neurônios e constitui a sua inteligência coletiva. Esse sistema digital revela-se como matriz do mundo experimentado por seres sensíveis. É como o mundo virtual, por um lado, com seus cheiros, sons, cores, formas e a máquina digital que o computa, por outro, afirma Lévy. Porém, ele lembra que, se os avanços científicos, tecnológicos e econômicos nos possibilitam uma evolução criativa, eles também podem precipitar a destruição de espécies biológicas e do ecossistema.

É neste aspecto que, a cultura humana se torna a principal responsável pela evolução da biosfera. Suas múltiplas e divergentes direções evolutivas é o resultado das formas de adaptação ao ecossistema natural e cultural. Em outras palavras, registra-se, neste momento

V o que custa o virtual?

histórico, uma espécie de ramificação avançada da evolução a biosfera que reúne nossas mentes a fim de criar uma mais complexa e flexível, criativa e capaz de conduzir a evolução humana, dos sentidos e da cultura. Assim, a evolução deve crescer em direção a uma biosfera cerebral que pensa mais livremente, abrindo novos ambientes cooperativos e novas formas de organização social.

Essa biosfera cerebral deve projetar uma espécie de duplo virtual. Uma noosfera como reino das formas e das idéias que ao mesmo tempo, implica numa cartografia evolutiva do planeta. Desse modo, a noosfera poderá nos conduzir à evolução biotecnológica. A tecnologia e a economia da informação se juntarão numa ecobiologia monitorada em tempo real pela inteligência coletiva coordenada no ciberespaço. Estruturas centradas e burocráticas perderão o seu sentido e seu poder. Atitudes abertas e cooperativas se tornarão os padrões morais enquanto que demandas e procedimentos de censura serão percebidos como atraso cultural (LÉVY, 2000, p.64)

Referências

- DELEUZE, G & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- KASTRUP, V. A rede uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KERCKHOVE, D. **A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.
- LATOUR, B. **Ciência em Ação**. São Paulo: Edunesp, 2000.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1993
- LÉVY, P. O ciberespaço como passo meta evolutivo. **Revista Famecos**. Porto Alegre, no. 13, dez. 2000.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PRIMO, A. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 2ª. edição. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.
- SERRES M. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- VAZ, P. **Esperança e Excesso**. In: PARENTE, A (org). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.